



Comodoro Armando Pereira da Costa Valente Tinoco

Reestruturação do Corpo de Fuzileiros da Marinha Portuguesa



O **COMODORO VALENTE TINOCO** é o comandante do Corpo de Fuzileiros desde 14 de fevereiro de 2023. Nasceu em 1966, em Coimbra, ingressou na Escola Naval em 1985, foi promovido ao posto de Guarda-Marinha em 1990. É especializado em Eletrotécnica, frequentou vários cursos de carreira, com destaque no Curso Geral Naval de Guerra e o Curso de Promoção a Oficial General. Comandou os navios-patrolha “Cacine” e “Cunene”, o navio-reabastecedor “Bérrio”, bem com a Base Naval de Lisboa entre 2018 e 2020. Também serviu na Esquadilha de Navios-patrolha. No Estado-Maior-General das Forças Armadas desempenhou funções na Missão Militar OTAN/UE (2008-2011), foi comandante da Força de Reação Imediata entre 2016 e 2018 e chefe do Centro de Informações e Segurança Militares entre 2022 e 2023. É mestre em Gestão de Recursos Humanos pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

Resumo

O artigo aborda a reestruturação do Corpo de Fuzileiros (CF) de Portugal com a pretensão de adequá-lo, mediante um novo conceito de emprego, a um novo ambiente. A reestruturação acompanha transformações no ambiente internacional, particularmente no Leste Europeu. Busca melhorias para uma organização ligeira e flexível que privilegie surpresa, superioridade da informação, mobilidade, manobra, velocidade e letalidade. Novas tecnologias configuram desafios para as forças navais e anfíbias e trazem assimetria no combate dentro do ambiente marítimo, em especial no litoral, é mister que essas forças modulares e flexíveis tenham capacidade para responder a uma grande variedade de missões, encarando ameaças difusas, híbridas e letais. Esse novo conceito de *Light and Fast* prevê o emprego das forças do CF no espectro do conflito, de forma descentralizada e distribuída, com unidades capazes para operar e sobreviver nos campos de batalha modernos, explorando um ciclo decisório rápido e trabalhando num ciclo de Ilusão, Desorientação, Ação e Retirada (IDAR), calcado sobre o binômio navio-força. Recentes exercícios validaram o conceito de uma Marinha pronta e tecnologicamente avançada, capaz de agregar forças anfíbias, forças de operações especiais e outros elementos. O artigo conclui que o CF conseguiu reunir a Flexibilidade, por estar estruturado para gerar forças e capacidades para operar no Mar, Estuários e Rios; a Prontidão, por estar preparado para agir num vasto espectro de ameaças; e a Sustentabilidade, por ser capaz de atuar projetado a partir do mar.

Abstract

The article addresses the restructuring of the Portuguese Marine Corps (acronym in portuguese – CF) with the aim of adapting it, to a new environment, through a new concept of employment. The restructuring accompanies transformations in the international environment, particularly in Eastern Europe. It seeks improvements for a light and flexible organization that favors surprise, information superiority, mobility, maneuver, speed and lethality. New technologies create challenges for naval and amphibious forces and bring asymmetry in combat within the maritime environment, especially on the coast. It is necessary that these modular and flexible forces have the capacity to respond to a wide variety of missions, facing diffuse, hybrid and lethal threats. This new concept of Light and Fast foresees the use of CF forces across the spectrum of conflict, in a Disaggregated and distributed way, with units capable of operating and surviving on modern battlefields, exploring a rapid decision-making cycle and working in a cycle of Illusion, Disorientation, Action and Withdrawal (acronym in portuguese – IDAR), based on the ship-marine team. Recent exercises have validated the concept of a ready and technologically advanced Navy, capable of bringing together amphibious forces, special operations forces and other elements. The article concludes that the CF managed to bring together Flexibility, as it is structured to generate forces and capabilities to operate in the Sea, Estuaries and Rivers; Readiness, for being prepared to act in a wide spectrum of threats; and Sustainability, for being able to operate from the sea.

Palavras-chave: Corpo de Fuzileiros de Portugal; CF; conceito de emprego; ambiente internacional; leste europeu; assimetria no combate; ameaça difusa; ameaça híbrida; ameaças letais; *light and fast*; forma de emprego descentralizada e distribuída; IDAR; binômio navio-força; flexibilidade; prontidão; sustentabilidade.

Keywords: *Portuguese Marine Corps; CF; employment concept; international environment; eastern europe; asymmetry in combat; diffuse, hybrid and lethal threats; light and fast; disaggregated and distributed form of employment; IDAR; ship-marine team; flexibility; readiness; sustainability.*

Introdução

O presente texto aborda duas realidades transformacionais no Corpo de Fuzileiros (CF) da Marinha Portuguesa. O processo de reestruturação em curso, que pretende adequar a estrutura do Corpo ao novo ambiente externo, orientado para um novo conceito de emprego operacional, designado de “*Light & Fast*”, é enquadrado numa lógica de operações distribuídas a partir do mar.

Reorganização do Corpo de Fuzileiros da Marinha Portuguesa

Em 2015, o Corpo de Fuzileiros da Marinha portuguesa encetou um profundo processo transformacional, no sentido de se adaptar ao ambiente externo. Decorrido um período experimental e transitório de oito anos, foi conduzida uma análise ao processo, constatando-se que o modelo adotado nesse ano carecia de uma reformulação, em especial pela vertiginosa alteração e pela dinâmica do ambiente internacional, em particular no leste da Europa.

Esta realidade originou a necessidade de implementar melhorias e ajustes que melhor refletissem o objetivo estratégico da “Diretiva Estratégica da Marinha 2022”¹, deduzido de *Implementar estratégias operativas que suportem os interesses nacionais e as Forças Nacionais Destacadas (FND)* e com a respectiva iniciativa estratégica de *Desenvolver um novo conceito de emprego das forças de fuzileiros, que deverão ter uma constituição ligeira e flexível, privilegiando o efeito de surpresa, superioridade da informação, conhecimento sobre a área de operações, a mobilidade, a manobra, a velocidade e a letalidade, potenciado em novas tecnologias* (Portugal, 2021).

A implementação desta nova estrutura do Corpo de Fuzileiros iniciada em 2023, visou dar resposta

à rápida evolução das Técnicas Táticas e Procedimentos (TTP) militares com alterações constantes, desde o início do século XXI, contemplando o surgimento de novas tecnologias, especialmente disruptivas, que configuram novos desafios para as forças navais e anfíbias. Esses novos fatores identificados potenciam uma assimetria no combate e obrigam a que as forças militares modernas tenham capacidade para responder a uma grande variedade de missões, sob riscos e ameaças que se manifestam de forma particularmente difusa e híbrida, mas de significativa letalidade, sendo particularmente desafiante do ponto de vista operacional o ambiente marítimo, e em especial o litoral, tendo em conta a elevada concentração de populações e centros urbanos.

Assim, no seguimento dos fatores já constatados, surge a necessidade de adaptação do CF, tornando-o mais moderno, mais capaz de gerar forças operacionais altamente treinadas, tecnologicamente avançadas, capacitadas para operar no mar e a partir do mar, por meio da realização de operações anfíbias e operações especiais, com forças de baixo escalão, com elevada flexibilidade e mobilidade, e assentes numa organização modular. Tais forças devem ainda congregiar conhecimento situacional tático aumentado, mobilidade, furtividade, letalidade e capacidade para sobreviver em campos de batalha modernos, quer face a ameaças subversivas ou irregulares, quer face a inimigos convencionais, com capacidade de dar resposta à realização de:

- operações militares de natureza marítima e anfíbia;
- operações especiais, no mar e a partir do mar, em ambiente marítimo, ribeirinho, costeiro e terrestre;
- operações militares com vista à defesa do território nacional ou à salvaguarda dos interesses nacionais no estrangeiro, em todo o espectro do conflito;

¹Documento que estabelece orientações estratégicas para o mandato do Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada em funções.

- ações de cooperação com forças congêneres e organizações militares ou não militares, com vista à salvaguarda da segurança nacional, na prossecução dos interesses do Estado, com enfoque em funções de salvaguarda da segurança marítima e na edificação de capacidades em Estados parceiros;
- intervenções táticas no mar, em cenários de risco e/ou face a incidentes violentos, e no combate a ameaças transnacionais (e.g., terrorismo, narcotráfico); e
- participação em operações de apoio a autoridades civis em situação de crise, catástrofe, acidente grave ou em estados de exceção.

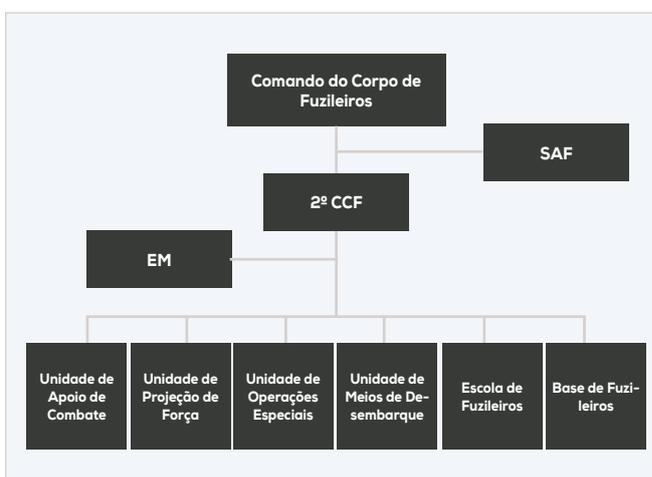
Em concreto, e no que às unidades operacionais diz respeito, abandonou-se a lógica de batalhões, tendo sido extintos os dois batalhões de Fuzileiros (Batalhão de Fuzileiros nº 1 [BF 1] e o Batalhão de Fuzileiros nº 2 [BF 2]). O BF 1, que até 2023 estava particularmente vocacionado para funções de segurança e que agregava algumas valências particulares, foi fracionado. A Unidade de Polícia Naval (UPN), que era a maior subunidade do BF 1, e as respetivas incumbências, saíram do Corpo de Fuzileiros, transitando para a dependência direta do Comando Naval; o designado Pelotão de Abordagem (PELBOARD) também saiu do BF 1, passando a integrar a recém-criada Unidade de Operações Especiais (UOE) com a designação de Destacamento de Abordagem (DABOARD); a Unidade de Meios de Desembarque (UMD) que também estava na dependência do BF 1 desde 2015, voltou a ser uma unidade operacional independente e com identidade própria, na direta dependência do Comandante do Corpo de Fuzileiros.

O Batalhão de Fuzileiros nº 2, desde sempre vocacionado para as operações anfíbias, constituiu-se como a espinha dorsal de duas novas unidades operacionais: a Unidade de Projeção de Força (UPF) e Unidade de Apoio de Combate (UAC). A Unidade de Projeção de Força é composta por um Estado-Maior e por cinco Destacamentos de Fuzileiros de escalão companhia, sendo cada Destacamento composto por três Grupos de Combate de escalão pelotão, elementos nucleares para assegurar a manobra. Por seu turno, a Unidade de Apoio de Combate integra na sua estrutura duas subunidades – o Destacamento de Apoio de Combate (DAC) e o Destacamento de Apoio

de Serviços (DAS), garantindo estas capacidades operacionais para integrar forças de fuzileiros em operações.

As valências de operações especiais do Corpo de Fuzileiros, centradas no Destacamento de Ações Especiais (DAE) criado em 1985, foram concentradas na Unidade de Operações Especiais (UOE), que acolheu também as valências da abordagem (Destacamento de Abordagem) e de mergulho de combate (Destacamento de Mergulhadores Sapadores nº 1). Esta Unidade de Operações Especiais de Marinha (UOE) criada na estrutura do CF estabeleceu-se como o núcleo para edificar o Grupo Tarefa de Operações Especiais de Marinha (designado na língua inglesa de *Special Operations Maritime Task Group* [SOMTG]). Este grupo integra um Estado-Maior, o DAE, o DABOARD, assim como, outros elementos de combate orgânicos, seja na vertente de Apoio de Combate (*Combat Support* [CS]) e do Apoio de Serviços em Combate (*Combat Service Support* [CSS]), de forma a complementar, apoiar e sustentar taticamente a execução de operações especiais. O SOMTG integra também o Destacamento de Mergulhadores-Sapadores nº 1 (DMS1), face às suas valências nas vertentes de *Clearance Diving Team* (CDT) e *Explosive Ordnance Disposal* (EOD), em função da missão/ação de treino a realizar e no âmbito do espectro de operações respectivo, constituindo uma unidade tarefa de operações especiais (designada na língua inglesa de *Special Operations Maritime Task Unit* [SOMTU]), possibilitando o incremento do potencial de combate até ao nível de um SOMTG.

Figura 1: estrutura do Corpo de Fuzileiros
(2º CCF – Segundo-comandante do CF; SAF – Serviço Administrativo e Financeiro; EM – Estado-Maior)



Fonte: O autor.



Figura 2: Embarque de Grupo de Combate
Fonte: O autor.

De uma forma macro, a figura seguinte ilustra a atual estrutura do Corpo de Fuzileiros.

O processo de reestruturação do CF em 2015 preconizou a edificação de uma estrutura mais eficiente e racional de cariz departamental, concentrando as tarefas que se encontravam repartidas por várias Unidades e Serviços. Este processo implicou a desativação da Base de Fuzileiros (BF) e estrutura de apoio da Escola de Fuzileiros (EF), concentrando o apoio a todas as unidades no Departamento de Apoio Geral (DAG), com dois polos distintos²: um sediado no Alfeite (Almada, a sul da cidade de Lisboa) e outro na Escola de Fuzileiros em Vale de Zebro. O DAG constituiu-se como um “órgão prestador de serviços” a todo o universo do Corpo de Fuzileiros, agregando todas as atividades de manutenção, oficinas, alimentação, transportes administrativos, paióis e escotarias³.

A grande exigência do apoio requerido e a dimensão do Corpo de Fuzileiros, pela sua distribuição, diversidade e deslocalização de infraestruturas entres os polos do Alfeite e Escola de Fuzileiros, impossibilitou o efetivo exercício da chefia do DAG, recomendando uma única estrutura de apoio em cada local. Assim, considerando

a necessidade de garantir o adequado apoio e a gestão mais eficiente dos meios centralizados em cada Polo, verificou-se a necessidade em restabelecer duas unidades de apoio territoriais, aumentando as competências e as responsabilidades da Escola de Fuzileiros e a reedificação da Base de Fuzileiros, à qual, tal como no passado, compete prestar o apoio logístico, técnico e administrativo às unidades e forças de fuzileiros, contribuindo para o aprontamento e emprego delas, assim como, prestar o apoio a outras unidades, quando superiormente determinado.

Observados todos os fatores militares e geopolíticos da atualidade, e absorvendo as lições verificadas da organização levada a cabo em 2015, reforçada por um período de observação e experimentação alargado, foi elaborado um plano da estruturação, prevendo uma orgânica modular e flexível, baseada em Unidades Operacionais e Destacamentos, com agilidade para gerar um Agrupamento Anfíbio (unidade escalão Batalhão, similar ao extinto Batalhão Ligeiro de Desembarque) e um *Special Operations Maritime Task Group* (SOMTG).

Conceito *Light and Fast* (L & F)

A orgânica e o quadro de capacidades do Corpo de Fuzileiros passaram a sustentar a implementação de um conceito de emprego renovado para

²Distanciados fisicamente, cerca de 20 quilômetros.

³Designação de paióis de guarda de material de guerra, nomeadamente, armamento.

as forças e as unidades de fuzileiros, denominado por *Light and Fast*, prevendo o emprego em todo o espectro do conflito, de forma descentralizada e distribuída, sustentado no emprego de forças de baixo escalão, flexíveis, com organização modular e capacitadas para operar e sobreviver em campos de batalha modernos.

Assim sendo, esse conceito aplica-se a forças de fuzileiros, enquanto forças ligeiras que privilegiam a surpresa, a mobilidade e a rapidez da ação, sobre a proteção da própria força, com o objetivo de explorar com vantagem um ciclo lento de Observar, Orientar, Decidir, Agir (OODA) de um adversário, por intermédio de um ciclo rápido de Ilusão, Desorientação, Ação e Retirada (IDAR), através de ações inesperadas, cirúrgicas e decisivas, usando a capacidade de manobra do binómio navio-força junto do litoral.

Privilegiando a ação deste tipo de forças, tornam-se necessárias estruturas de Comunicações e Sistemas de Informações (CSI) robustas e resilientes capazes de garantir o Comando e Controle (C2) de todas as operações, independentemente da distância que separam os Grupos de Combate (GC) do comando superior ou das unidades navais. Por outro lado, a superioridade de informação e a manutenção do panorama situacional, sempre atualizado, são essenciais para o sucesso das operações, sendo só por si, um conceito assente na evolução tecnológica que contribui para a robotização da conflitualidade.

Durante o ano transato, foram realizados vários exercícios para a validação do conceito, visando testar e explorar potencialidades e vulnerabilidades. Foi possível testar e explorar, pela disponibilidade alargada de recursos, orientados exclusivamente para o treino desse conceito, diversas

situações, realçando a realização de três ações distintas, ao longo de 220 km de costa:

- a primeira, um raid anfíbio realizado por um Grupo de Combate (GC), que contemplou o desembarque, a ação no objetivo e o reembarque – esta ação foi essencial para testar as potencialidades e vulnerabilidades dos Sistemas Aéreos Não Tripulados (SANT)⁴ nesse tipo de operações;
- a segunda, um desembarque de um Grupo de Combate no sul de Portugal, seguido de um movimento tático motorizado para norte, até Tróia (cerca de 220 km) em Viaturas Táticas Ultraligeiras (VTUL), de modo a realizar uma ação num objetivo – esta ação teve como objetivo essencial testar as potencialidades e vulnerabilidades dos meios, nomeadamente das VTUL, de modo a obter dados de planeamento para futuras missões; e

Figura 4: Limpeza de um objetivo e preparação de retirada

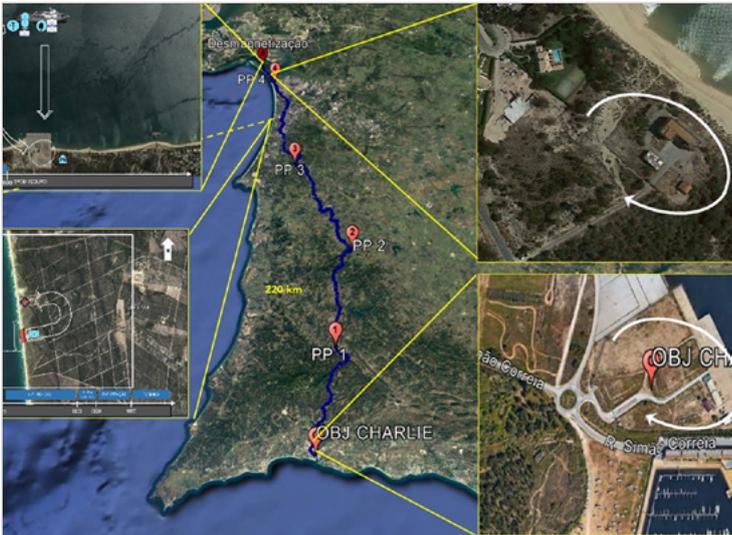


Fonte: O autor.

⁴Também designado por drones.



Figura 3: Projeção navio terra de LTATV por carga suspensa
Fonte: O autor.

Figura 5: Exercício experimental do Conceito *Light and Fast*

Fonte: O autor.

- na terceira, a projeção de um terceiro GC, em Troia, a partir de uma unidade naval, na qual embarcou o Comandante do Destacamento de Fuzileiros (DFZ) e o Comandante da Força de Desembarque, a partir de onde comandou e controlou todas as operações realizadas numa extensa área geográfica, com uma dimensão de 220 km de costa por cerca de 20 km de profundidade. Este GC foi projetado em lanchas orgânicas do navio para garantir a segurança em terra e por helicóptero, infiltrando-se através da técnica de inserção, designada de “fast rope”, seguido da projeção de duas VTUL em carga suspensa. Esta ação permitiu testar as potencialidades e vulnerabilidade da projeção de viaturas em carga suspensa, bem como, destes meios acompanhados por SANT para a realização de uma ação de evacuação. Foi igualmente essencial, para testar as potencialidades de C2, por fonia e dados (i.e. panorama situacional, chat e vídeo em tempo real).

Em suma, todos os exercícios realizados neste âmbito, demonstraram que este é um conceito com potencial, enquanto catalisador de uma Ma-

rinha pronta, útil, focada, significativa e tecnologicamente avançada. Internamente, este é um conceito que aproxima os fuzileiros ao conceito que esteve na sua origem da recriação dos fuzileiros em 1961, atualizado pela evolução tecnológica, que tende para a conflitualidade remota e autónoma. Este é um conceito alargado, que agrega forças de diferentes tipologias, desde forças anfíbias, forças de operações especiais, forças navais e elementos do Destacamento de Mergulhadores Sapadores da Marinha, entre outros, elementos conforme as necessidades de cada missão.

Desta forma, o Corpo de Fuzileiros encontra-se atualmente:

- estruturado de forma a garantir uma geração de forças – *mission tailored* – e uma capacidade especializada para operar nos mais diversos ambientes - Mar, Estuários, Rios, Ar e Terra – Flexibilidade;
- preparada para intervir rapidamente em todo o mundo e capaz de lidar com um vasto espectro de ameaças e desafios à segurança – Prontidão; e
- capaz de ser empregue onde necessário sem apoio de uma nação anfitriã e projetado a partir do mar para condução de operações em terra – Sustentabilidade.

Figura 6: Mensagem do Almirante após cumprimento da missão



Fonte: O autor.



Referências

PORTUGAL. Marinha. Estado-Maior da Armada. **Diretiva Estratégica da Marinha 2022**. Lisboa: EMA, 2021.